

Gulbenkian, 1987. Tradução de: Manuel Losa.  
PÉCORA, Alcir – Nota do organizador. In: Hilst, Hilda. *Contos d'escárnio/textos grotescos*. São Paulo: Globo, 2002.  
PETRÔNIO. *Satíricon*. [S.1.]: Editora Três, 1994.  
PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002  
\_\_\_\_\_. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.  
VAYNE, Paul. O Império Romano. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Org.). *História da vida privada*. v. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de: Hildigard Feist.  
\_\_\_\_\_. A Homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe; BEJIN, André ( org.). *Sexualidades Ocidentais*. 3a ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.  
RODRIGUES DA SILVA, Joelma. *Os Risos na espiral: percursos literários hilstianos*. Recife, UFP, 2009. (tese de doutorado).  
SÁ REGO, Enylton José de. *O calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.  
SANT'ANNA, Affonso Romano de . *Paródia, Paráfrase e Cia*. 7 a ed. São Paulo: Ática, 2004.  
SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. 4 a edição. São Paulo: Duas Cidades, 1992.  
\_\_\_\_\_. *Um mestre na periferia do capitalismo- Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.  
TRUMBACH, Randolph. Fantasia erótica e libertinagem masculinas no Iluminismo inglês, In: HUNT, Lynn (org.) *A invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. 1 a ed. São Paulo, 1999.

## A SOGRA: A COMÉDIA DOS ERROS DE TERÊNCIO

Prof. Me. Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi (UERJ)

### RESUMO

A *Sogra* (Hecyra) é uma comédia de Terêncio que trata dos desencontros entre personagens que constituem dois grupos familiares: a família de Laques, constituída de seu filho Pânfilo, sua nora Filumena, sua esposa Sóstrata. A família de Filumena, cujo pai é Fidipo e sua esposa Mírrina. A trama gira em torno de desencontros, convenções sociais que sobrepujam os sentimentos entre os parentes e a presença de uma prostituta de nome Báquis. Trata-se de uma peça com base em dramas burgueses que atravessam todas as sociedades no tempo e no espaço. Analisaremos a estrutura familiar aqui presente e suas convenções que impõem certo padrão de comportamento. As relações afetivas e desejos fazem parte da trama de forma acentuada, pois, aqui os desencontros são entre o que se deseja e o que a convenção social estabelece como comum. A cortesã, o filho, o pai, a sogra são elementos fulcrais desta trama, no que diz respeito a convenção social; já os laços afetivos estabelecidos no meio familiar e extra-familiar constituem o lado não convencional que se choca com a convenção social. Assim analisaremos estes fatores na estrutura da trama da peça de Terêncio.

Palavras-chave: Teatro Romano, Comédia Latina, Terêncio

### I- Introdução:

Terêncio é um autor de comédias do século II a.C. de suas obras que chegaram até nós temos seis peças: *Andria*, *Heauton Timorumenos*, *Eunuchus*, *Phormio*, *Adelphoe* e *Hecyra* que aqui analisaremos. Suas peças refletem um novo caminho na intelectualidade e pensamento do teatro romano e um influxo maior da cultura grega em Roma. Terêncio pertence ao ciclo intelectual dos Cipiões que eram filohelênicos, a cultura e a filosofia grega, neste grupo penetra de forma mais profunda que nos movimentos intelectuais e literários anteriores. As peças de Terêncio refletem este ambiente filohelênico que ele freqüentava. Sua obra teatral, por isso, é escrita para um público culto e sofisticado.

Os personagens das peças de Terêncio são reflexivos e caracterizados psicologicamente não por suas ações, mas por suas reflexões: as moças são afetuosas, os jovens são reflexivos e dotados de sentimento de responsabilidade, os

pais compreensivos e bons, os escravos e os parasitas são menos maliciosos do que os de Plauto e as cortesãs são cheias de compreensão e comiseração.

Os enredos são construídos a partir de uma reflexão das diversas situações familiares que se embrulham devido aos quiproquós, maus entendidos, choques de gerações e valores convencionais da sociedade. Enfim um choque entre o desejo individual e o papel social do indivíduo no grupo a que ele pertence.

As suas peças são, em oposição às de Plauto, *statariae*, são peças de caracteres. As plautinas são *motoriae*, de entrecchos.

Terêncio foi intitulado como um poeta *elegans*<sup>1</sup>, e comediógrafo da *humanitas*, esta humanidade que tornam seus personagens porta-vozes da diversidade humana entre os sentidos de uma vida plena de *clementia*, *Paidéia*, *philantropia* e *mansuetudo*. Já na peça *Heautontimorumenos* Terêncio afirma por voz de um seu personagem: *Sou homem: nada do que é humano tenho por estranho*.

Menandro foi a principal fonte de inspiração para Terêncio, a sua peça *Hecyra*, considerada a mais terenciana das peças de Terêncio segundo Ettore Paratore, foi construída através da *contaminatio* das peças *Hecyra* de Apolodoro e a peça *Epitrepontes* de Menandro. Nesta peça o riso está ausente de todo, só um leve sorriso sofisticado de quem entende sutilmente os dramas que causam os choques entre convenções sociais e desejos individuais pode sorrir. Esta peça é um drama de alma que sofre com estes choques.

## II- A Sogra, o arquétipo da sogra má ou o quiproquó em Terêncio :

A Sogra é uma peça de Terêncio que não teve muita aceitação do público romano da época, uma peça que foi encenada três vezes, mas só na terceira foi a apresentação foi concluída.

Esta peça apresenta um drama tipicamente familiar onde temos conflitos

entre as convenções sociais, arquétipos e as afetividades diárias que nascem entre seus membros. Os personagens dos dramas são de três blocos sociais distintos, duas famílias: a família de Pânfilo o jovem casado com Filúmena, cujos pais são Laques e Sóstrata, o escravo da família Parmenão; a segunda família é a de Filúmena, filha de Fidipo e Mírrina, estes dois grupos constituem o que se pode classificar de núcleo social convencional da família tradicional romana. O terceiro núcleo é constituído das Héteras, prostitutas, que são Báquis, Filótis e Sira. Mas Báquis é a personagem principal deste núcleo social, um grupo à margem da sociedade.

O drama da peça desenrola-se em torno destes três núcleos: o familiar que poderemos considerar isométrico socialmente. Suas convenções são estabelecidas dentro de uma rigidez moral e comportamental que dita o papel de cada membro e suas funções perante o outro membro. O outro núcleo, o das Héteras, se relaciona de forma desigual com o primeiro grupo. É um grupo que está à margem da convenção social do primeiro grupo, é tolerado, mas deve ser comedidamente tolerado, pela convenção social romana é um grupo que presta pequenos serviços às famílias, mas não deve ultrapassar a fronteira do serviço e toda a afetividade que nasce desta relação entre os dois grupos desiguais deve ser restrita a um momento da vida dos jovens.

Pânfilo, o jovem filho de Laques e Sóstrata, tem um relacionamento dura-

douro e afetivo com Báquis, a Hétera, mas não é aceito por seus pais que o fazem casar com Filúmena, filha de Fidipo e Mírrina. No casamento, a princípio, Pânfilo recusa-se a tocar em Filúmena, e busca Báquis, esta, por sua vez, evita-o. Aos poucos o rapaz desenvolve um interesse pela sua esposa. O rapaz viaja por uma herança de um familiar falecido e ao retornar encontra a casa sem sua esposa, que retornou à casa paterna. O seu pai, Láques culpa sua esposa por desentendimento entre a nora e a sogra. Láques se encontrava fora de casa, no campo trabalhando para sustento da família enquanto a sogra a nora e o filho residiam na casa da cidade.

Acredita-se que o que a afastou de sua casa nova fora o desentendimento entre ambas, mas é uma gravidez causada por um estupro de um estranho que desonrou a moça antes do casamento. Há um furto de um anel que ela portava nesta noite fatídica. Passaram-se nove meses e Filúmena está sai de casa do marido para encobrir a honra familiar e tem seu filho em casa dos pais. Quando Pânfilo descobre o que levou a sua esposa a retirar-se de casa, fica estarecido e, por razões de convenção social repudia a mulher que tanto ama. Seu pai e seu sogro entendem que a causa do repúdio do rapaz à moça se dá por seu amor antigo à Báquis, então resolvem se dirigir à Hétera para buscar uma resolução e o retorno da moça à casa do seu esposo. Báquis, resignada, pois amava ainda Pânfilo, não como uma Hétera, mas como uma mulher apaixonada, resolve esclarecer que ela teria se afastado do rapaz após o casamento, Láques pede a ela que jure perante a família do Sogro de seu filho. Lá por causa do anel que ela portava, dado de presente por Pânfilo, descobre-se que o pai biológico da criança é o próprio marido, assim solucionando um drama familiar e dando desfecho à peça.

Terêncio trabalha nessa peça o conflito entre a imagem social e os desejos de um rapaz, seus desencontros amorosos. Em Roma é permitido ao rapaz ter relações, em sua juventude, com Héteras, mas estas relações são interrompidas

por casamentos arranjados pelos pais. Cada fase da vida tem suas permissividades e seus deveres. Fidipo no ato IV cena I já afirma:

*Muito antes de ti, já eu sabia que ele tinha uma amante, Mírrina. Mais nunca entendi que, no verdor dos anos, isso constitua uma pecha. São coisas da natureza. Mas – caramba! – há de vir tempo em que ele até de si próprio se sentirá enjoado.*

Os pais tanto do rapaz quanto da moça são pais zelosos dos laços familiares, pois eles não desistem de se re-estabelecer a velha aliança que será rompida pela vontade do filho.

Pânfilo que ao mesmo tempo é o jovem que desvirtua-se da convenção social, pois estabelece uma relação duradoura com a Hétera e até durante o casamento, em certo momento, quando descobre que a sua esposa foi desonrada, resolve seguir a convenção social do repúdio, por ter-se tornado impura por um estupro. No ato IV, cena III ele diz: “Há um costume estabelecido... A ele vou me agarrar. Este personagem vive um drama interior entre seus desejos íntimos e as convenções sociais. Quando ele não sabe a causa da saída de sua esposa da casa, e julga ser um conflito entre sogra e nora resolve optar pelo partido de sua mãe. No ato III, cena IV ele afirma: “Que eu tenho a obrigação de respeitar mais a minha mãe do que o meu amor...”

Hecyra, a sogra, Sóstrata é vítima do arquétipo de sogra má, no ato II, cena I Laques seus esposo afirma de forma veemente:

*Em nome dos deuses e dos homens!... Mas que súcia é esta?... Que conchavo é este?... Será possível que todas as mulheres tenham os mesmos caprichos e as mesmas esbirrações – todas!... E não se encontre uma sequer que se afaste um pouco das outras em matéria de feitio?... Por isso é que, de perfeito acordo, todas as sogras têm um asco danado às noras. Para fazerem pirraça aos maridos, é a mesma teimosia, igual casmurrice... Foi na mesma escola, parece-me a mim,*

*que todas se doutrinarão para a malvadez. E nessa escola, se ela existe, esta fulana é a mestra – tenho a certeza.*

Esta fala de Lâques amplifica um conceito de forma a estabelecer um arquétipo de sogra má, sua exclamação *todas*, é o eixo sintetizador desta visão arquetípica das sogras. Sóstrata, embora não represente este tipo de comportamento, sofre passivamente e se preocupa com a reputação da família e a sua, resolve se retirar junto ao marido na casa de campo para deixar livre a casa para a sua nora e seu filho. Mas apesar de sua resignação ela tem uma fala contestadora do arquétipo no ato II, cena III:

*Mas não é fácil desculpar-se: de tal sorte se meteu-lhes a cabeça que as sogras – todas – são malvadas. Não, não é o meu caso, palavra: pois nunca deixei de tratar aquela moça como se fosse a minha filha.*

Mas junto a esta reflexão sobre a sogra há que se destacar uma fala de Parmenão, o escravo, que também traz um arquétipo mais amplificado que este da sogra, sobre a natureza da mulher:

*As crianças, umas com as outras, quantas zangas não arranjam por umas culpas insignificantes!... E por quê?... Porque o cérebro que as governa ainda não tem solidez. Pois mesmo se passa com aquelas mulheres: são mais ou menos como crianças de fraco juízo. Se calhar, bastou uma palavra apenas, entre elas, para fomentar esta desavença.*

O universo feminino e da infância são os mesmos, são sem solidez mental, o que as torna dependentes da sensatez dos seus maridos.

### III- Conclusão:

Como já verificamos na Introdução, as peças de Terêncio trabalham com uma visão dos personagens com um tom de *humanitas*, os seus pais são mais

sensatos do que os de Plauto como os pais de Pânfilo e de Filúmena, que, diante do drama da separação dos filhos buscam uma solução alternativa, ou até a reconciliação. Pânfilo na busca de uma solução para seu drama opta por sua mãe, por questão de uma amor filial (*pietas*), Báquis, a prostituta, que, graças ao anel, soluciona o drama do casal, é a que, resignadamente, perde mais nessa peça. Ela abdica de seu relacionamento afetivo com Pânfilo, para que ele encontre a felicidade no lar de forma tradicional. Cada personagem, nesta peça de Terêncio traz-nos uma idéia de ternura afetividade, apesar dos choques entre eles.

Mas o que Terêncio nos diz nesta peça? O jogo de conflito entre os desejos e as convenções sócias tornam o drama focado na questão do arquétipo da sogra, e de certa forma ele nos proporciona uma visão mais humana e menos arquetípica da sogra através de Sóstrata. Sóstrata é a sogra injustamente julgada a partir de um parâmetro pré-concebido pela convenção social. Ela rompe como este parâmetro e nos mostra o oposto.

### BIBLIOGRAFIA

CLAUSEN, W.V. & KENNEDY, E.J.. *Historia de la literatura clásica. II Literatura Latina*. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

CODOÑER, Carmen. *Historia de La literatura latina*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine, histoire des mots*. Paris: éditions Klincksieck, 1994.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. São Paulo: Ed. Cultrix, s.d.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica. II vol. Cultura Romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

TERÊNCIO. *A Sogra*. Trad. Walter de Medeiros. Brasília: UNB, 1994.